

EDUCAÇÃO E O TRABALHO: RELAÇÕES NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO

EDUCATION AND WORK: RELATIONSHIPS FROM THE PERSPECTIVE OF HIGH SCHOOL STUDENTS

DOI: 10.18616/lendu.v9i2.10134

Vanderlei da Silva Mendes¹
vanderleidasilvamendes@unesc.net
Alex Sander da Silva²
alexanders@unesc.net

RESUMO

O presente artigo se propõe analisar possíveis relações estabelecidas entre educação e trabalho na perspectiva de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada do extremo Sul de Santa Catarina. Para a coleta de informações, foi realizada pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, utilizando como referencial teórico os autores que se dedicam às reflexões sobre educação e trabalho: Frigotto (2001, 2008), Kuenzer (2000), Saviani (1994, 1996), Gramsci (2001) e Marx (1983, 2010). Utilizou-se também, como procedimento metodológico, um questionário estruturado para coleta de dados. Os resultados da pesquisa evidenciaram que os estudantes relacionam trabalho e educação a partir de suas vivências cotidianas e expectativas de futuro, visualizando a realização dessas expectativas ao ingressarem no ensino superior e no mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Educação; Ensino Médio; Escola Privada

ABSTRACT

This article aims to analyze possible relationships between education and work from the perspective of third-year high school students at a private school in the extreme south of Santa Catarina. To collect data, a qualitative bibliographical study was conducted, using as theoretical framework the authors who focus on education and work: Frigotto (2001, 2008), Kuenzer (2000), Saviani (1994, 1996), Gramsci (2001), and Marx (1983, 2010). A structured questionnaire was also used as a methodological procedure for data collection. The research results showed that students relate work and education based on their daily experiences and future expectations, envisioning the fulfillment of these expectations upon entering higher education and the job market.

KEYWORDS: Work; Education; High School; Private School

¹ Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina (UNESC). Doutorando em Educação (UNESC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3279-3773>.

² Doutor em Educação PUCRS. Professor e pesquisador no PPGE (UNESC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0945-9075>.

1 INTRODUÇÃO

As categorias educação e trabalho constituem um tema de fundamental relevância para as reflexões no campo educacional, principalmente se analisados a partir da perspectiva dos sujeitos – estudantes do ensino médio – que estão em processo formativo. O Ensino Médio enquanto etapa conclusiva da Educação Básica é um período no qual os jovens vão desenvolvendo perspectivas profissionais e acadêmicas, seja para dar continuidade nos estudos ou para se preparar para o ingresso no mercado de trabalho. Como etapa final da Educação Básica, no Ensino Médio se consolida o domínio das diferentes linguagens, se busca o desenvolvimento do raciocínio lógico e a capacidade de usar conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos para compreender e intervir na vida social e produtiva de forma crítica e criativa. (Kuenzer, 2000, p. 76)

Essa finalidade do Ensino Médio indica que o jovem deve ir além da simples memorização de conteúdo, aprendendo a se relacionar com o conhecimento de forma ativa, construtiva, criadora e crítica. Segundo Cardozo (2020) o desenvolvimento dessas perspectivas é influenciado por diversos elementos do contexto social, cultural, econômica e político da realidade dos jovens. Tais elementos são fundamentais para que os jovens possam definir seus percursos acadêmicos e/ou profissionais, especialmente no cenário atual, onde as oportunidades de inserção no mercado de trabalho exigem maior tempo de escolaridade.

Essa relação entre trabalho e Ensino Médio tem se mostrado complexa. Segundo Kuenzer (2000, p.25)

tem-se afirmado que as mudanças ocorridas no final do século no mundo do trabalho têm trazido novos desafios ao Ensino Médio; uma análise mais aprofundada mostrará, contudo, que esses são apenas os desafios que sempre estiveram presentes no transcurso da constituição histórica desse nível de ensino, apenas agravados em face da crise que marca o cenário nacional e internacional.

Conforme afirma Tibola (2024) os jovens brasileiros oriundos das camadas populares têm sua batalha pelo primeiro emprego durante o Ensino Médio, diante das necessidades financeiras vivenciadas pela família, se preocupam em ter uma atividade que seja remunerada, para contribuir com a renda da sua família. Ou seja, o grande desafio a ser enfrentado é a formulação de uma concepção de Ensino Médio que articule de forma competente essas duas dimensões – educação e mundo do trabalho.

Segundo Kuenzer (2009, p. 25), os textos oficiais e também os elaborados por especialistas “têm indicado ser a ambiguidade de um nível de ensino, que ao mesmo tempo tem de preparar para o mundo do trabalho e para a continuidade dos estudos, a raiz dos males do Ensino Médio.” Para a autora, o problema dessa etapa de escolarização não é a ambiguidade, e sim a dualidade estrutural.

Assim formulado, o problema parece ter fácil enfrentamento, uma vez que localizado no âmbito da filosofia da educação – basta melhor definir as finalidades – e no âmbito da pedagogia – basta melhor definir os conteúdos e procedimentos metodológicos. Nada mais equivocado e, exatamente por isso, conservador; ao contrário, a definição da concepção é um problema político, porquanto o acesso a esse nível de ensino e a natureza da formação por ele oferecida – acadêmica ou profissionalizante – inscrevem-se no âmbito das relações de poder típicas de uma sociedade dividida em classes sociais, às quais se atribui ou o exercício das funções intelectuais e dirigentes, ou o exercício das funções instrumentais. Ou seja, inscreve-se no âmbito da concepção de sociedade. (KUENZER, 2009, p. 25-26).

E a concepção de sociedade também é formulada por esses jovens que passam por momentos de crises, de conflitos, de descobertas, de afirmações, de procura de emprego, de escolha profissional e acadêmica, de afirmação na comunidade onde vivem, no trabalho e na sociedade de modo geral.

Desse modo, a partir das vivências em sala de aula, da observação da relação dos estudantes com o mundo do trabalho, e das diversas inquietações suscitadas, este texto tem como objeto de pesquisa investigar quais são as perspectivas dos estudantes do Ensino Médio, de uma escola da rede privada do extremo Sul de Santa Catarina, em relação a sua formação educacional e sua inserção no mercado de trabalho. Seguido do objetivo de analisar as perspectivas de estudantes do Ensino Médio em relação a sua formação educacional e sua inserção no mercado de trabalho.

Sob a matriz epistemológica do materialismo histórico-dialético pretendemos apreender e fundamentar nossa pesquisa segundo os autores que se entrelaçam com tal perspectiva teórica: Frigotto, Kuenzer, Saviani, Gramsci e Marx, tendo como categorias teóricas principais: educação, trabalho e ensino médio. Desse modo, o artigo está organizado em três seções: A primeira expõe os procedimentos metodológicos e o perfil dos envolvidos na pesquisa. A segunda aborda as categorias trabalho e educação como fundamentação teórica. Na terceira seção apresentam-se as informações empíricas coletadas e as análises.

2 A RELAÇÃO ENTRE TRABALHO E EDUCAÇÃO

Durante o século XX o trabalho passou por grandes transformações, recebendo os contornos e características que percebemos mais explicitamente hoje. Novas formas de trabalho surgiram para modificar sua natureza.

Segundo Antunes (2020, p. 27),

mais do que nunca, bilhões de homens e mulheres dependem de forma exclusiva do trabalho para sobreviver e encontram, cada vez mais, situações instáveis, precárias, ou vivem diretamente o flagelo do desemprego. O que isso significa? Significa ao mesmo tempo que se amplia o contingente de trabalhadores e trabalhadoras em escala global, há uma redução imensa de empregos; aqueles que se mantêm empregados presenciam a corrosão dos seus direitos sociais e a erosão de suas conquistas históricas, consequência da lógica destrutiva do capital que, conforme expulsa centenas de milhões de homens e mulheres do mundo produtivo, recria, nos mais distantes e longínquos espaços, novas modalidades de trabalho informal, intermitente, precarizado, flexível.

Tivemos o surgimento de novas tecnologias, formas inovadoras de produção e novas formas de trabalho.

É importante e imprescindível considerar que no panorama atual a estrutura laboral está sujeita a mudanças velozes, em períodos de crises drásticas acaba influenciando não só as variações econômicas, mas também os aspectos do desenvolvimento tecnológico que aliado aos processos de mundialização da economia tem impacto significativo sobre as lógicas de produção e organização do trabalho, a flexibilidade do mercado de trabalho, que sem sombra de dúvidas afeta as formas de contratação, de inserção profissional e dos sentidos da educação e do trabalho (Tibola, N. G.; Raiz, T. R., 2024, p. 2)

E em relação ao trabalho, uma das discussões mais controversas nos últimos anos tem sido a centralidade do trabalho na sociedade atual, principalmente tendo como foco países do centro da economia capitalista.

O que nos parece evidente, é que o trabalho, conforme nos orienta Pinto,

não apenas se manteve, como se mantém ainda hoje, como a base da sobrevivência humana, o ato primário e pressuposto de toda a nossa história. Assumindo novos papéis, não apenas na apropriação da natureza e no desenvolvimento de uma concepção racional sobre ela, o trabalho consolidou a cultura dos povos e a diferenciação política interna de suas comunidades, assumindo, por fim, no âmbito da sociedade atual, o papel central na constituição das classes sociais que a compõe, sendo que, no interior destas, está a base da formação da identidade de seus indivíduos. (Pinto, 2013, p. 9)

Portanto, privar uma pessoa do trabalho, além de comprometer sua sobrevivência física, acarreta severas consequências psicossociais. Isso ocorre porque, mesmo havendo garantia de sustento fora do contexto laboral, a ausência de reconhecimento da própria identidade, decorrente desse processo, gera grande sofrimento e induz a distorções perceptivas e comportamentais nos indivíduos afetados.

Nas palavras de Lancman (2004, p. 29):

O trabalho é mais do que o ato de trabalhar ou de vender sua força de trabalho em busca de remuneração. Há também uma remuneração social pelo trabalho, ou seja, o trabalho como fator de integração a determinado grupo com certos direitos sociais. O trabalho tem, ainda, uma função psíquica: é um dos grandes alicerces de constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como reconhecimento, gratificação, mobilização da inteligência, mais do que relacionados à realização do trabalho, estão ligados à constituição da identidade e da subjetividade.

Embora o trabalho represente a materialização do ser social, contudo, este se encontra envolto na lógica capitalista, onde a força de trabalho é comercializada, resultando em produtividade e alienação. Diante dessa conjuntura, a escola se torna importante para a sociedade burguesa, porque ela aparece como agente ligada ao progresso, à especialização, à formação técnica, às necessidades de hábitos civilizados, os quais correspondem à vida em sociedade e à formação do cidadão.

Por isso faz-se necessário um olhar mais atento e crítico para que tipo de cidadão se está formando na escola. Segundo Frigotto (2008) a educação tem um papel fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, promovendo desigualdades entre as nações e grupos sociais. A partir disso, poderíamos afirmar que o capitalismo por si só já promove desigualdades; cabe à educação aprofundar ou diminuir tais disparidades.

Mas o debate a respeito de educação não é novo. Desde a Antiguidade, a educação e seus métodos têm sido objeto de inúmeras discussões. Questões sobre os métodos e o papel da educação na formação humana sempre foram centrais. Um exemplo é a Grécia Antiga, onde a educação visava a formação integral do indivíduo. Em muitos casos, a família era responsável por essa educação, seguindo a tradição religiosa.

Jaeger (1994) diz que “[...] por mais elevadas que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar de cultura só começa com os gregos”. (p.5). A Paideia, é a denominação do sistema de educação e de ensino na Grécia Antiga, que busca a

formação do homem em suas várias esferas, isto é, uma educação mais antropológica e que considera o homem como ser racional. Essa educação contribui com o ser humano, uma identidade cultural e histórica.

Observa-se nessa definição clássica o vínculo entre educação e cultura destacados no método de transmissão e aprendizagem, na preocupação do trabalho em conjunto, na realização de uma atividade coletiva e na transmissão de geração para geração.

A partir disso, podem-se, portanto, distinguir duas formas fundamentais de Educação:

- 1) A que simplesmente se propõe transmitir as técnicas de trabalho e de comportamento que já estão em poder do grupo social e garantir a sua relativa imutabilidade; 2) a que, através da transmissão das técnicas já em poder da sociedade, se propõe formar nos indivíduos a capacidade de corrigir e aperfeiçoar essas mesmas técnicas. (ABBAGNANO, 2007, p. 306)

Percebemos nesta citação de Abbagnano uma forma de educação que simplesmente transmite, repassa as técnicas, muito próximo daquilo que hoje poderíamos chamar de educação tradicional, e que está sob o poder de um grupo hegemônico que não deseja mudanças significativas na sociedade, quer simplesmente manter o *status quo*; e uma forma de educação, que já está em poder da sociedade, é problematizadora, propõe mudanças, discussão e aperfeiçoamento das técnicas, podemos dizer muito mais democrática e libertadora, como propunha Paulo Freire (1999). Uma educação que promovesse a autonomia e a participação ativa dos estudantes. Paulo Freire defendia uma educação que não apenas transmitisse conhecimentos, mas que também conscientizasse os estudantes sobre sua realidade social e os capacitasse a agir sobre ela, buscando a transformação social.

Falar de educação requer o conhecimento da sociedade e do seu funcionamento, suas leis, suas regras, as relações de poder, as relações de produção, as relações sociais. É se perguntar que tipo de ser humano se deseja construir, que tipo de sociedade almejamos, como estão nossas relações sociais. E essas relações sociais, que são temporalmente definidas pela produção material dos homens, dão forma aos processos educacionais. Podemos afirmar, portanto, que a educação é uma prática social e que através do processo de trabalho o homem humaniza-se.

Saviani (1994) corrobora tal ideia ao falar que “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos”. Ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho.

O trabalho é um dos temas de investigação mais importantes da Economia, Filosofia, Sociologia e até mesmo das teorias da Administração. Nele estão conjugados diversos aspectos da existência humana, como a História, as condições materiais da vida, as relações de poder, as lutas de classes, as ideologias e até mesmo o aprimoramento das técnicas e o surgimento das tecnologias.

Para o filósofo Karl Marx, o trabalho é o elemento fundador da sociedade capitalista, o ato ontológico inerente ao ser social, isto, porque o trabalho possui os elementos que fazem dele o objeto responsável pelo salto ontológico do ser natural para o ser social (Tonet, 1999). Segundo Ribeiro (2017, p. 150), “Marx observa que o trabalho constitui a condição da vida humana igualmente comum a todas as formas sociais, pois é na atividade produtiva que o homem coloca em movimento as forças naturais pertencentes a seu corpo com o fim de apropriar-se da matéria natural e transformá-la em objeto útil à sua própria existência”. Para ele é pelo trabalho que o homem transforma a si e à natureza, e, ao transformá-la de acordo com suas necessidades, imprime em tudo que o cerca a marca de sua humanidade.

Antes, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporeidade, braços, pernas, cabeça e mãos, a fim de se apropriar da matéria natural numa forma útil à própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (Marx, 1983, p.149)

Na concepção de Saviani (1996, p. 152), o trabalho é definido como “o ato de agir sobre a natureza, adaptando-a às necessidades humanas”. A partir dessa definição, é possível perceber o trabalho como essência humana. Mostrando que para o homem continuar existindo, ele necessita produzir sua própria existência pelo seu trabalho, fazendo com que sua vida seja determinada pelo modo que sua existência é produzida.

Saviani parece corroborar a tese de Marx, ao definir o trabalho como um ato intencional de agir sobre a natureza, adaptando-a às nossas necessidades. O ser humano é o único ser capaz de realizar trabalho, e ao fazê-lo modifica não somente a natureza, mas a si mesmo e aqueles que estão ao seu redor.

Trabalho e educação são atividades intrínsecas ao ser humano e que se relacionam diretamente, visto que, ao produzir a existência por meio do trabalho, os seres humanos educam-se mutuamente. Vale a pena lembrar e ressaltar que a escola é uma invenção (política) específica da *polis* grega e que a escola grega surgiu como uma usurpação do privilégio das elites aristocráticas e militares na Grécia antiga.

Fazendo um recorte temporal, podemos dizer que no mundo moderno a escola vai se modificando de acordo com o desenvolvimento das forças produtivas e com as mudanças nas relações de produção e de poder. Com o surgimento do capitalismo, as relações entre educação e trabalho mudam, deixam de ser naturais para serem sociais, através do estabelecimento do contrato social. Agora o trabalhador tem liberdade para vender a sua força de trabalho para os donos dos meios de produção em troca de um salário.

Segundo Marx, o sistema capitalista alimenta-se do antagonismo de classes, pois a apropriação por parte dos capitalistas daquilo que ele chamou de mais-valia só se efetiva através da exploração do trabalho assalariado, ou seja, através da exploração da classe trabalhadora e de sua força de trabalho.

Antunes (2000) associa o sentido do trabalho ao sentido da vida, argumentando que uma vida sem sentido no trabalho é incompatível com uma vida cheia de sentido fora dele. Para uma vida com sentido, o indivíduo deve encontrar realização no trabalho. O trabalho autodeterminado, autônomo e livre, ao permitir o uso autônomo do tempo livre necessário para a humanização e emancipação, confere sentido à vida e está ligado à liberdade.

Saviani (1996) critica a escola na sociedade de classes, considerando-a desvalorizada e ampliada, mas também esvaziada. Com a divisão da humanidade em classes exploradoras e dominantes, a escola surge com posições antagônicas. A escola universal, gratuita e obrigatória defendida pela sociedade burguesa é contraditória, pois era originalmente destinada às elites com base na formação intelectual, enquanto a escola para as massas se limitava à escolaridade básica visando habilidades profissionais (Castro, 2010). Masschelein e Simons (2014) apontam que, apesar da narrativa de igualdade de oportunidades, a escola perpetua a desigualdade social através de mecanismos sutis, mesmo com profissionalismo e objetividade educacional. Suhr (2009) corrobora com tal ideia, afirmando que há desigualdade de acesso, tratamento e discriminação persistente na sociedade e no mercado de trabalho.

Contudo, a escola também pode ser vista como um espaço de resistência e construção do pensamento crítico. Frigotto (2008) destaca o papel da educação na evolução do capitalismo, promovendo desigualdades nacionais e sociais. A educação profissional, ao focar na formação de cidadãos produtivos, adaptados, adestrados e treinados para o emprego, adota um viés "economicista, fragmentário e tecnicista".

Nesse sentido, poderíamos mencionar a crítica feita pelo filósofo Gramsci (2001). Para ele, o trabalho como princípio educativo não se baseia no modelo de escola profissional de sua época, que apenas cumpria a função de eternizar as estratificações de classes e a predestinação da maioria ao trabalho alienante sob falsos princípios democráticos. Ele se baseia em uma escola que proporcione as condições para “[...] que cada ‘cidadão’ possa tornar-se ‘governante’ e que a sociedade o ponha, ainda que ‘abstratamente’, nas condições gerais de poder fazê-lo [...]”. (Gramsci, 2001, p. 50).

Partindo desse princípio, Gramsci compreende a escola como unitária, um espaço de formação para a vida, para o trabalho e para a cultura. A proposta de escola unitária fundamenta-se na busca pela emancipação humana e pela aquisição de maturidade intelectual. Para o referido filósofo, não deveriam existir várias escolas, onde o pensar e o agir (trabalho manual) são separados, mas sim uma única escola que unisse o pensar e o agir de forma a elevar a consciência humana.

A partir dessa crítica de Gramsci ao modelo de escola profissional, é importante destacar que uma educação tecnicista influencia diretamente na formação e na organização do trabalho docente. Segundo Kawamura (1990, p. 44), “o conteúdo tecnicista da educação influi na reorientação da formação do professor, cuja prática profissional torna-se eminentemente técnica”. O professor, antes de se preocupar com a ação pedagógica e a formação dos alunos, deve atentar-se aos programas e prazos por meio de extensos relatórios de atividades.

Enfim, nos deparamos ainda hoje com um sistema de ensino que se tornou um operador eficaz para satisfazer as necessidades do capitalismo; a preocupação não é formar para a emancipação humana, para a construção de uma escola unitária (Gramsci) e participativa, mas sim oferecer um modelo de educação e de escola para satisfazer as necessidades impostas pelo capital.

3 PECULIARIEDADES DO CAMPO INVESTIGADO: PROCEDIMENTOS E CARACTERIZAÇÃO

Como procedimento metodológico, o presente estudo apresenta-se como qualitativo, o que permite um processo dinâmico de aderência a novas formas de coleta e de análise de dados. Minayo (2009) concorda quando afirma que, enquanto o/a pesquisador/a tece/realiza sua pesquisa, vão se desenrolando as preocupações com o contexto estudado, com a relevância dos detalhes e descrições minuciosas, com os processos que dão origem ao fenômeno, e vai construindo seu objeto de estudo, que não poderá ser traduzido em meio de recursos estatísticos.

A pesquisa foi realizada em 2025 numa escola da rede privada de ensino no extremo sul de Santa Catarina, envolvendo estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. O estudo utilizou tanto pesquisa bibliográfica quanto questionários, estes últimos respondidos através do *Google Forms* e abordando temas como as perspectivas dos alunos sobre o Ensino Médio, sua visão sobre o trabalho e a relação entre o Ensino Médio e o mercado de trabalho. O questionário continha 10 perguntas sobre esses tópicos. Antes de realizar o questionário, o pesquisador relatou o propósito e os objetivos da pesquisa, seus riscos e benefícios, e reafirmou o protocolo de confidencialidade e anonimato. O pesquisador informou mais uma vez que as respostas dadas seriam utilizadas para fins do estudo e ficariam sob a guarda do pesquisador, não sendo possível a disponibilização para outros fins que não a referida pesquisa. Responderam voluntariamente ao questionário 11 estudantes, sendo 02 do sexo masculino e 09 do sexo feminino, solteiros (as), na faixa etária dos 17 e 18 anos de idade.

Nosso intuito é que os resultados possam contribuir para uma reflexão da relação dos estudantes com o mercado de trabalho e gerar conhecimento. De acordo com Rodrigues, Oliveira e Santos (2021, p. 155), “o conhecimento é elemento constitutivo de qualquer sociedade. Esta perpassa sempre por transformações, o que leva o conhecimento a uma constante renovação e, em função disso, a busca por informações e novos saberes faz-se primordial.” Minayo (2009, p.17) discorre que o ser humano está em incessante busca para explicar as lógicas do inconsciente coletivo e do comportamento humano, onde a ciência e a incompletude do conhecimento são fomentadores desse processo.

Especificamente na educação, o conhecimento está nas vivências cotidianas, nas trocas entre os pares, na diversidade e pluralidade do ser humano. A sociedade, assim, está constituída pelo grande avanço das tecnologias onde as informações são transitáveis e velozmente modificadas, exigindo cada vez mais o desenvolvimento de pesquisas que analisem o contexto social, educativo e filosófico e o conhecimento produzido nas instituições educacionais. (Rodrigues, Oliveira e Santos, 2021, p.150)

Diante do exposto, a pesquisa se configura num processo metodológico que possui múltiplas possibilidades de movimento dialético na busca por recursos que podem ser constantemente revistos e confrontados por ideias divergentes numa interlocução crítica com os aparatos bibliográficos, tendo em vista a validade epistemológica capaz de compreender melhor o homem, a história, a filosofia e a própria ciência

Na sociedade, assim como na educação, a pesquisa apresenta como resultado a realidade de determinado local. Segundo Minayo (2009), entendemos por pesquisa a atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula o pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática (Minayo, 2009, p. 17).

4 PERSPECTIVA SOBRE EDUCAÇÃO E O TRABALHO

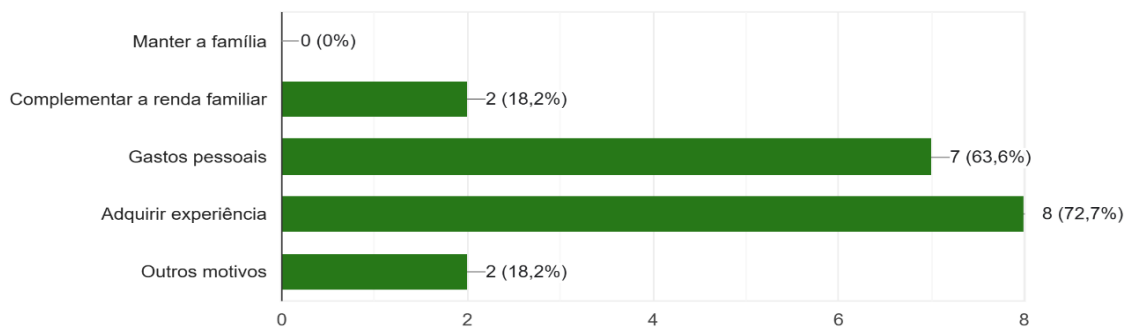
Destacamos que a contribuição de 11 (onze) estudantes, que de forma voluntária responderam ao questionário, foi importante, pois possibilitou caracterizar o perfil desses jovens e sua perspectiva sobre educação e trabalho. A educação não apenas abre portas para oportunidades econômicas, mas também promove a compreensão da dinâmica social, a sensibilidade cultural e a comunicação eficaz, como podemos ouvir de um dos estudantes “A educação é a chave para um futuro bem-sucedido. Mesmo que existam pessoas que não tiveram oportunidade de estudar e prosperaram, acho que grande parte da população não progrediu economicamente. Não só economicamente falando, a educação é essencial para entender a dinâmica do mundo, ser mais sensível a culturas e saber se comunicar perante a sociedade” (A8).

Dos 11 (onze) estudantes, 9 (nove) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, com idade entre 17 e 18 anos, 8 afirmaram que trabalham e estudam, e 3 que apenas estudam. Os locais de trabalho variam, desde lojas de comércio variados a estágio em empresas ou realização de cursos técnicos em enfermagem, necropsia e análises clínicas. Os motivos que levam esses estudantes a trabalharem são diversos, como podemos perceber no gráfico a seguir:

Tabela 1

2. Razões para trabalhar e estudar (responda caso tenha vínculo empregatício)

11 respostas



Fonte: Elaboração própria

Tornando presente o objetivo de analisar possíveis relações estabelecidas entre educação e trabalho na perspectiva de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, foram feitas perguntas que refletiam sobre as razões de estudar e trabalhar, pois alguns alunos estudavam e trabalhavam no contraturno, quais as perspectivas dos estudantes ao concluir o Ensino Médio, se o ensino oferecido pela escola contribuía para que possam alcançar seus objetivos de continuidade nos estudos ou de ingresso no mercado de trabalho, como percebiam as políticas públicas de educação para o Novo Ensino Médio; e quais os sentidos da educação e do trabalho.

Por exemplo, na questão 8: Como você está percebendo as políticas públicas de educação para o Novo Ensino Médio? Nas respostas dos estudantes apareceu em evidência que a nova estrutura para o ensino médio se mostra com muitas lacunas com a inserção de novos itinerários formativos, como é possível constatar na fala do estudante A1: “Na minha opinião, existem matérias totalmente desnecessárias para o Ensino Médio, como Projeto de Vida e Oficina de Texto, que, no meu caso, acabam atrapalhando meus estudos e me sobrecarregando demais, acredito que a quantidade de matérias está exagerada, na minha visão deveriam ter apenas as indispensáveis”, e na fala dos estudantes A2: “No aumento de disciplinas como o IFA”, e A3: “Carga horária massiva”, A4 “Pouco incentivo, descaso com os professores e fiscalização de uma boa grade

curricular a ser aplicada”. Ou até mesmo de rigidez, sem possibilidade de uma flexibilização, como aparece no depoimento de um estudante: “um pouco rígidas, as horas complementares adicionais poderiam estar sendo melhor aproveitadas”, completou A10.

No entanto, apareceu também respostas que percebem que o Novo Ensino Médio procura instruir o estudante sobre o mercado de trabalho, como afirmou o estudante A5: “Estão funcionando bem, visto que está sendo oferecido vários projetos sobre o mercado de trabalho.” Importante ressaltar que novas questões de educação e trabalho estão postas em um contexto em que as políticas educacionais voltadas para o ensino médio sofreram significativas mudanças, através da Lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, que instituiu o Novo Ensino Médio, com alteração de carga horária da jornada escolar e oferta por Itinerários Formativos.

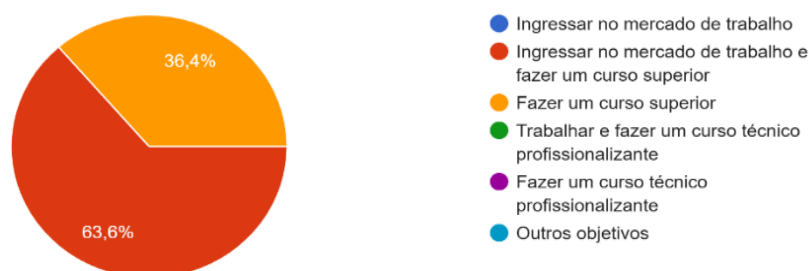
Já os estudantes A6 e A11 veem essa mudança com uma certa desconfiança: “Acredito que a diminuição de carga horária de disciplinas tradicionais, como matemática, física e português, é um grande fator que prejudica não só o futuro dos estudantes, mas pessoalmente acredito que seja um retrocesso. Porém, por outro lado, acredito que isso também seja um fator bom para o desenvolvimento pessoal do aluno, pois abre margem para a abertura de novas matérias importantes, como projeto de vida, libras e artes. Portanto, essa grande dualidade de opiniões existe, pois acredito que não deveria diminuir a carga horária de disciplinas fundamentais, entretanto valorizo e incentivo essas matérias que visam o desenvolvimento social e pessoal dos alunos” (A6) “Acho necessário aumentar a carga horária, porém acho que foi realizado sem sucesso, pois as matérias adicionadas não estão sendo realizadas com exatidão” (A11). Consideremos, segundo Araújo, Rodrigues e Alves (2015, p. 234), que o Ensino Médio “[...] deve ser compreendido no contexto das necessidades humanas essenciais e enquanto etapa da Educação Básica voltada a promover o desenvolvimento da autonomia intelectual e emocional dos sujeitos, como fator primordial para a vida em comunidade”.

A maioria dos estudantes pretendem ingressar no mercado de trabalho e fazer um curso superior após a conclusão do Ensino Médio, como podemos observar no gráfico a seguir:

Tabela 2

PERSPECTIVAS APÓS CONCLUIR O ENSINO MÉDIO 5. Quais são as suas perspectivas após concluir o ensino médio?

11 respostas



Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre qual o sentido que você atribui à educação em sua vida, na resposta dos estudantes apareceu em evidência os termos formação, aprimoramento, chave para um futuro bem sucedido, caracterizando a educação como um elemento essencial na formação e para viver em sociedade. Como é possível constatar nas falas a seguir: “Para me formar como um ser humano com opinião, senso crítico e função social (A1)”, “Dou muito valor à educação, pois acredito que seja necessário para ser uma pessoa respeitosa e inteligente (A2)”, “futuro, educação é tudo na vida de um bom profissional (A3)”, “Aprimoramento como pessoa (A4)”, “Essencial para saber viver em sociedade e base para a criação de senso crítico (A5)”, “A educação é a chave para um futuro bem sucedido. Mesmo que existam pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, e prosperaram. Acho que grande parte da população não progrediu economicamente. Não só economicamente falando, a educação é essencial para entender a dinâmica do mundo, ser mais sensível a culturas e saber se comunicar perante a sociedade (A6)”. Os depoimentos dos estudantes sobre educação são caracterizados por sentidos construídos ao longo de seu processo de escolarização e pela relação com as pessoas em que eles se relacionam, seja na escola, na comunidade ou na sociedade em geral. Chamou atenção a resposta de um dos estudantes ao dizer que a educação é “essencial para saber viver em sociedade e base para a criação de senso crítico”, A10. A educação com foco no desenvolvimento do senso crítico visa capacitar os indivíduos a

analisar informações, questionar o senso comum e formar opiniões próprias de forma fundamentada.

Na última questão, quando perguntado quais os sentidos do trabalho, as respostas deram ênfase ao ganho financeiro, ficando claro que quando se fala em trabalho os estudantes relacionam diretamente ao mercado de trabalho. “Renda, experiência, crescimento pessoal e estabilidade” (A1), “Vou citar três pontos: Gratificação profissional, Disciplina e Resiliência contínua. Meio para conseguir sustentar-se e ocupar-se (A2), “trazer experiência e desenvolver habilidades como disciplina, responsabilidade e autonomia” (A10). Uma resposta chamou atenção por apresentar uma visão crítica em relação a esse modelo de trabalho apresentado pelo sistema capitalista que determina por meio do mercado como deve se conduzir o mundo do trabalho: “Não posso ser ingênua a ponto de falar que grande parte da população trabalha com o que ama, mas não. A população trabalha para se manter e ganhar cada vez mais. Pois é esse o modelo que rege o nosso país. Minha opinião é que o sentido do trabalho deveria ser você trabalhar com o que ama e prosperar nisso. Mas na prática, o povo trabalha no que odeia para colocar o pão na mesa e não sobrar nada. Pois acredito que não haja oportunidades de estudo e nem acesso a informações para as minorias sociais”, pontua A4.

Enfim, o ser humano torna-se humano justamente pelo trabalho, ele cria e recria a sua existência, diferentemente do animal que se adapta ao meio. A sua condição de existência se torna garantida por meio do trabalho e sua intervenção na natureza, o que torna o trabalho humano um produto do homem porque “o trabalho humano é consciente e proposital ao passo que o trabalho dos outros animais é instintivo” (Braverman, 1980, p. 50).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XXI apresenta transformações do mundo do trabalho que ultrapassam a ética do trabalho formal. Neste contexto, os estudantes do Ensino Médio veem-se afetados em sua vida cotidiana pela inserção no mercado de trabalho. O objetivo da pesquisa foi analisar possíveis relações estabelecidas entre educação e trabalho na

perspectiva de estudantes do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada do extremo Sul de Santa Catarina.

Conclui-se que os resultados desta pesquisa demonstram a suma importância de se realizar discussões com os estudantes sobre suas perspectivas acerca da educação e a relação com o mundo do trabalho, a qual é muitas vezes restringida ao mercado de trabalho.

Nessa relação com o mercado de trabalho, a perspectiva deles é de um trabalho instrumentalizado, associado à sobrevivência, para comprar as “coisas deles”, se vestir, lazer, consumo para sobreviver. Na análise das respostas sobre a relação entre educação e trabalho, fica evidente a preocupação dos estudantes com as condições materiais que possam promover uma formação crítica e humanizadora, de uma educação que ofereça a criação de oportunidades para seu crescimento pessoal e profissional.

Embora os resultados ofereçam uma compreensão valiosa sobre a percepção desse grupo específico, é crucial reconhecer as limitações deste trabalho. O estudo foi realizado em uma única instituição da rede privada de ensino de uma localidade específica (extremo Sul de Santa Catarina), o que restringe a generalização dos achados para a totalidade dos estudantes do Ensino Médio brasileiro. O recorte metodológico focado em uma amostra específica pode não capturar as nuances e desafios vivenciados por jovens em escolas públicas, em diferentes contextos socioeconômicos ou em outras regiões do país.

Nesse sentido, sugere-se a continuidade da investigação por meio de novos estudos que possam ampliar o escopo da amostra, como realizar a coleta de dados em escolas da rede pública, comparando as perspectivas entre diferentes realidades socioeconômicas e regionais, aprofundar a discussão qualitativa, utilizando métodos como grupos focais ou entrevistas aprofundadas para entender melhor como os estudantes navegam as contradições entre a formação humanística proposta pela LDB e a pressão do mercado de trabalho, investigar a influência da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) e analisar como a implementação dos itinerários formativos está, de fato, reconfigurando a relação entre educação e trabalho na prática diária das escolas, afinal, os jovens são os grandes sujeitos dessa etapa educacional.

É imprescindível continuar a pensar e repensar o significado da escola e de suas políticas para o Ensino Médio, garantindo que elas estejam verdadeiramente alinhadas às necessidades, desafios e expectativas dos estudantes-trabalhadores do século XXI.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilegio da Servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2020.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. 3.ed. RJ: Zahar, 1980.

CARDOZO, David Breno Barros. **Ensino médio**: a continuidade dos estudos e a inserção no mundo do trabalho na perspectiva dos alunos da Rede Pública do Estado do Maranhão. 2020. 127 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação/CCSO) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

CARDOZO, Maria José P. Barros. **A reforma do ensino médio e a formação dos estudantes**: desvelando as ideologias das competências e da empregabilidade. São Luís: Edufma, 2009.

CASTRO, Jeimes Nogueira de. A relação entre trabalho e educação no Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 147, agosto de 2010.

CERQUIER-MANZINI, M. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CRESWELL, John. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.

EDUCAÇÃO EM REVISTA, Belo Horizonte, v. 27, p. 73-84, jul. 1998.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1999.

FRIGOTTO, Gaudencio. A nova e a velha faces da crise do capital e o labirinto dos referenciais teóricos. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (org.). **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

FRIGOTTO, Gaudencio. **Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio**. Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia, Bahia, 2008.

FULLAT, Octavi. **Filosofias da Educação**. Vozes, RJ, 1994.

GIL, Antonio. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Volume 2. 6ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paideia**: a formação do homem grego. 3 ed. Tradução Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KAWAMURA, Lili. Educação tecnicista. In: _____. **Novas tecnologias e educação**. São Paulo: Ática, 1990. p. 34-47.

KUENZER, Acacia. Z. **Ensino de 2. grau**: o trabalho como princípio educativo. São Paulo: Cortez, 1988.

KUENZER, Acacia. Z. **Ensino médio**: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. São Paulo: Cortez, 2000.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010. 191p.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas, v. 1).

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Coleção Experiência e Sentido.

MINAYO, M. C. **O desafio da pesquisa social**. In: MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

NETO, Julio. H. C; CASTRO, Amanda. E. Pesquisa em educação: discussões iniciais para a construção de uma investigação científica. **Cadernos da Fucamp**. Monte Carmelo, MG, v. 16, n. 27, p. 80-88, 2017.

PINTO, Jose.; ALVES, Thiago. Ampliação da obrigatoriedade na educação básica: como garantir o direito sem comprometer a qualidade? **Retratos da Escola**, Brasília, v. 4 n. 7, p. 211-229, jul./dez.2010.

RIBEIRO, D.C. trad. 2018. Apontamentos sobre o sistema sociometabólico do capital em István Mészáros. Revista Aurora. 10, 2 (mar. 2018), 149–170. DOI:<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2017.v10n2.10.p153>.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações 8ª edição revista e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SAVIANI, Demerval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al. (org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SILVA, Daniele Hungaro da. **Reflexões sobre a educação e trabalho na sociedade capitalista**: uma articulação necessária. X ANPED SUL. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/495-1.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

SUHR, Inge Renate Fröse. **Ensino médio**: possibilidade de ampliação da inserção laboral da classe que vive do trabalho / Curitiba, 2014. Tese de doutorado.

TIBOLA, Naiara G.; RAITZ, Tania Regina. Os sentidos da educação e do trabalho para estudantes egressos de uma Universidade no Sul do Brasil. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 20, n. 38, 2024.

TIBOLA, Naiara G. As relações de educação e trabalho na perspectiva de jovens estudantes do Ensino Médio Noturno. **Cadernos de Educação**, [S. l.], n. 68, 23 out. 2024.

TONET, Ivo. Educação e concepções de sociedade. **Universidade e Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 100-104, 1999.